

## **XI Domingo Comum (14/06/2026)**

**«A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos» (Lc 10,2).**

Os especialistas recordam-nos que Jesus não fala da sementeira, mas da colheita. Não contempla o campo à espera de ser semeado; contempla, antes, os frutos já maduros, abundantes e prontos a serem recolhidos. A urgência não está em semear, mas em acolher e distribuir a riqueza que Deus já fez brotar. O Reino de Deus já está presente no meio de nós; necessário é acolhê-lo.

A colheita é imensa porque imenso é o dom que Deus oferece ao mundo. E o fruto maior dessa colheita é o próprio Cristo. Nele, Deus derramou sobre a humanidade a plenitude do seu amor. Pela sua encarnação, entrou na história humana; pela sua morte e ressurreição, inaugurou uma nova criação. Desde então, o amor de Deus envolve toda a realidade e atravessa toda a existência humana como uma força de vida que nada pode deter. Deus não nos oferece coisas ou bens; oferece-se a Si mesmo.

E este amor, esta presença de Deus no meio de nós, torna-se ainda mais belo porque é totalmente gratuito. Não nasce dos nossos méritos nem é recompensa pelas nossas obras. Como nos recorda São Paulo, Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. Deus amou-nos primeiro, antes de qualquer resposta da nossa parte. É precisamente esta gratuidade que revela a beleza do amor divino: um amor que não mede, não calcula e não exige para amar. Diante dele descobrimos a nossa verdadeira identidade. Compreendemos que o nosso valor não depende do que fazemos, mas daquilo que somos aos olhos de Deus. Somos amados, e é desse amor que nasce a nossa dignidade mais profunda.

Jesus tornou visível esta colheita de amor e de graça através da sua palavra e dos seus gestos. Cada gesto seu era uma revelação do coração do Pai. Os seus gestos tornavam presente o mundo novo que Deus sonhava para a humanidade. Eram gestos que comunicavam o Espírito, saciavam a fome mais profunda do ser humano, perdoavam os pecados, curavam as feridas, abençoavam os pequenos, reuniam os dispersos e enviavam homens e mulheres em missão.

Mas a colheita de amor e de graça não podia ficar limitada ao tempo da sua presença visível no mundo. Por isso, Jesus chamou a Si os Apóstolos. Chamou-os pelo nome, introduziu-os na intimidade do seu coração e enviou-os a prolongar no mundo os seus próprios gestos. Não os enviou apenas como mensageiros de uma doutrina, mas como continuadores da sua presença e sinais vivos do seu amor e da sua graça.

Para isso, Jesus revestiu-os com o sopro do seu Espírito, para que os seus gestos deixassem de ser apenas gestos humanos e se tornassem transparência da sua própria presença. Assim, onde os Apóstolos anunciassem a Palavra, seria Cristo a falar; onde abençoassem, seria Cristo a derramar a sua graça; onde curassem, seria Cristo a tocar as feridas da humanidade; onde reunissem os crentes, seria Cristo a congregar o seu povo.

É por isso que a sucessão apostólica se realiza através de um sacramento: o sacramento da Ordem. Ao longo dos séculos, Deus continua a chamar homens, a consagrá-los com o seu Espírito e a enviá-los em nome de Cristo. E assim, na fragilidade dos seus ministros, permanece viva a força do Ressuscitado. Por mãos humanas, continua a passar a ternura divina; por vozes humanas, continua a ecoar a sua Palavra; por vidas frágeis, continua Cristo a espalhar o seu amor sobre o mundo.

É por isso que, nas celebrações litúrgicas, de modo particular na Eucaristia, o sacerdote se reveste das vestes sagradas. Não se trata apenas de uma tradição ou de um sinal exterior, mas de um símbolo profundo: ao revestir-se, recorda que não age em seu próprio nome, mas em nome de Cristo e na sua pessoa. As vestes escondem o homem para deixar transparecer o Senhor. Assim, no altar, é Cristo quem preside, quem fala, quem abençoa, quem oferece o sacrifício e quem reúne o seu povo. Na humildade do ministro, torna-se visível a presença d'Aquele que continua a caminhar com a sua Igreja.

Mas, de certa forma, todos os cristãos participam desta missão que Jesus confiou aos Apóstolos e aos seus sucessores. Cada discípulo é chamado a tornar-se trabalhador desta messe abundante, acolhendo os frutos do amor de Deus e distribuindo-os generosamente ao mundo, para que todos possam experimentar a alegria da vida nova inaugurada em Jesus Cristo.

Todos somos enviados a espalhar este amor que cura e dá sentido à existência. O perdão que recebemos e somos chamados a oferecer tem a força de sarar as feridas mais profundas do coração. O amor que perdoa levanta os caídos, reacende a esperança dos desanimados e abre sempre um caminho novo para recomeçar.

Mas o amor de Deus não apenas cura; ilumina também o sentido da nossa vida. Saber-se amado por Deus não nos poupa às provações nem afasta as tempestades do caminho. Contudo, dá-nos a força para as atravessar e a certeza de que não caminhamos sozinhos. Diz-nos que, no fim da história, o amor será mais forte do que o ódio, a vida vencerá a morte e o bem triunfará sobre todo o mal. E quem conhece o destino para onde caminha encontra coragem para suportar o peso da estrada, porque sabe que o horizonte que o espera é um horizonte de luz, de plenitude e de felicidade eterna.

À imagem do nosso Deus, voltemos para cada irmão um olhar de compaixão e ternura. Que a misericórdia divina resplandeça nas nossas palavras e nos nossos gestos, tornando-nos sinais vivos do seu amor. E que, através de nós, muitos possam encontrar o rosto bondoso de Deus.

Ámen.

**P. Emanuel Brandão**